



*Leitura e Mediação
Pedagógica*



O falar candango: análises sociolinguísticas dos processos de difusão e focalização dialetais

Stella Maris Bortoni-Ricardo

Ana Maria de Moraes Sarmento Vellasco

Vera Aparecida de Lucas Freitas

Organizadoras

SUMÁRIO

Introdução	4
Stella Maris Bortoni-Ricardo	4
SEÇÃO I	8
ESTUDOS DE DIALETOLOGIA URBANA SOBRE CARACTERÍSTICAS DA FALA DO DISTRITO FEDERAL	8
Capítulo I.....	9
Contato de dialetos no Distrito Federal, Brasil	9
Stella Maris Bortoni-Ricardo	9
Capítulo II	Erro! Indicador não definido.
Atitudes linguísticas com relação a sotaques regionais no Brasil.....	Erro! Indicador não definido.
Djalma Cavalcante Melo.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo III.....	Erro! Indicador não definido.
O falar candango: o caso das vogais pré-tônicas e do /s/ pós-vocálico.....	Erro! Indicador não definido.
Cíntia da Costa Corrêa	Erro! Indicador não definido.
Capítulo IV.....	Erro! Indicador não definido.
O léxico no falar do jovem candango e a influência da mídia televisiva.....	Erro! Indicador não definido.
Ana Maria de Moraes Sarmento Vellasco	Erro! Indicador não definido.
Capítulo V	Erro! Indicador não definido.
Da variação tu/você na fala dos jovens do Distrito Federal.....	Erro! Indicador não definido.
Nívia Naves Garcia Lucca	Erro! Indicador não definido.
SEÇÃO II.....	Erro! Indicador não definido.
ESTUDOS DE ETONGRAFIA SOCIOLINGUÍSTICA DE COMUNIDADES DA REGIÃO CENTRO-OESTE.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo VI.....	Erro! Indicador não definido.
Identidades sociolinguísticas e culturais: Projeto Bela Vista-Catalão.....	Erro! Indicador não definido.
Marcia Elizabeth Bortone e Aline do Nascimento Duarte.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo VII	Erro! Indicador não definido.
Fotografias sociolinguísticas do Centro-Oeste	Erro! Indicador não definido.
Rachel do Valle Dettoni	Erro! Indicador não definido.
Capítulo VIII.....	Erro! Indicador não definido.
Falas jaraguenses: uma etnografia de uma comunidade rural goiana.....	Erro! Indicador não definido.
Luciana M Cunha Muniz	Erro! Indicador não definido.
SEÇÃO III.....	Erro! Indicador não definido.
ESTUDOS DA FALA CANDANGA EM COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo IX.....	Erro! Indicador não definido.
Análise da produção textual de alunos do ensino fundamental do Distrito Federal.....	Erro! Indicador não definido.
Marcia Elizabeth Bortone	Erro! Indicador não definido.
Capítulo X.....	Erro! Indicador não definido.
Linguagem monitorada de universitários.....	Erro! Indicador não definido.
Aroldo Leal de Andrade.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo XI.....	Erro! Indicador não definido.

Comunidades rurais no DF: uma pesquisa etnográfica da inserção de suas crianças à cultura de letramento escolar	Erro! Indicador não definido.
Beatriz de Assis Oliveira.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo XII	Erro! Indicador não definido.
Linguagem de professora e alunos de uma classe de aceleração da rede pública, em Planaltina, Distrito Federal	Erro! Indicador não definido.
Maria Lúcia Resende Silva	Erro! Indicador não definido.
Capítulo XIII.....	Erro! Indicador não definido.
Características da escrita e da fala de alunos ingressantes no ensino médio: um estudo na cidade do Gama, DF	Erro! Indicador não definido.
Maria do Rosário do Nascimento Ribeiro Alves	Erro! Indicador não definido.
Capítulo XIV.....	Erro! Indicador não definido.
Variação estilística na fala de alunos de 4ª. Série, em ambiente de contato dialetal, de uma escola pública do DF.....	Erro! Indicador não definido.
Vera Aparecida de Lucas Freitas	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS	Erro! Indicador não definido.
ANEXO: MAPA DA DIVISÃO GEOPOLÍTICA DO DF EM 2000.....	Erro! Indicador não definido.
Índice remissivo	Erro! Indicador não definido.

Introdução

Stella Maris Bortoni-Ricardo

A construção de Brasília é um marco na história brasileira. Na segunda metade da década de 1950, o médico mineiro que foi eleito presidente da República, Juscelino Kubitschek, decidiu transferir a capital federal do litoral sudeste para o centro do Brasil. A nova capital foi construída durante o seu mandato e inaugurada em 21 de abril de 1960.

A construção de uma cidade moderna e planejada, erguida em uma área rural, remota e de difícil acesso, deu início a um novo tempo e acelerou o processo de urbanização no País. Para Brasília convergiram brasileiros de todos os quadrantes, dispostos a criar aqui uma sociedade urbana e de vocação cosmopolita, onde haveriam de conviver brasileiros de todas as regiões.

É justamente a diversidade na origem dos brasileiros que se estabeleceram em Brasília a característica mais especial da cidade. É uma cidade plural, onde se manifesta, por excelência, a vocação pátria de convivência harmoniosa das diferenças.

Ainda na época da sua fundação, o dialetólogo baiano Nelson Rossi, que àquela altura tinha vindo lecionar na recém-criada Universidade de Brasília, previa que a nova capital haveria de se tornar um laboratório para estudos de falares em contato. Mas a preocupação de acompanhar a deriva da língua portuguesa na comunidade de fala que aos poucos se foi constituindo e se ampliando no Distrito Federal somente voltaria à agenda de pesquisadores locais no começo dos anos de 1980.

Em 1983, concluí meu doutorado, em que investiguei o processo de urbanização de migrantes de origem rural, oriundos de Minas Gerais, e radicados na cidade de Brazlândia – DF. Esse estudo mostrou a tendência à acomodação linguística no repertório desses migrantes, que gradualmente iam perdendo os seus traços dialetais mais típicos. Mostrou também que no processo há uma forte influência do fator intergeracional: as novas gerações, nascidas em Brasília ou que para cá foram trazidas ainda em tenra idade, usavam uma linguagem muito distinta daquela de seus pais, tios e avós. Nesse processo, a escolarização tinha relevante papel. Mostrou ainda que essa acomodação segue trilhas distintas para homens e mulheres.

A partir desse primeiro trabalho vieram outros que examinaram diversos aspectos sociolinguísticos na comunidade de fala do Distrito Federal. Essas pesquisas sempre despertaram grande interesse da população e os pesquisadores passaram a ser muito requisitados para dar entrevistas a jornais, rádio e TV locais. Os jornalistas sempre traziam uma pergunta: “Brasília tem seu próprio sotaque?”

Estão reunidos neste livro alguns artigos que foram produzidos sobre este tema: O falar candango, alguns deles resultados de dissertações de mestrado defendidas na UnB nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI.

À medida que a pesquisa prosseguia, comecei a levar em conta a articulação de três movimentos, que expressam bem o que Brasília exhibe na fala e na cultura de seus residentes. São eles: do rural para o urbano; do oral para o letrado; e do regional para o suprarregional.

A questão do rural para o urbano é muito relevante, pois Brasília foi construída em uma área de rica e tradicional cultura rural, com a qual a cidade rompe na medida em que ela

própria representa a urbanização. A cidade, de fato, foi fundada em um período em que o Brasil todo experimentava uma rápida transição de um *modus vivendi* rural para o urbano.

Diferentemente dos países industrializados há mais tempo, a urbanização no Brasil não aconteceu de maneira linear, mas sim de forma intermitente, que se intensificava em alguns períodos. Entre os períodos de urbanização mais intensa relevam-se o início do século XIX, quando a corte portuguesa se instalou no Rio de Janeiro, e a década de 1950 com o *boom* da cultura cafeeira em São Paulo e o surto de industrialização que se seguiu à Primeira Guerra Mundial. Foi nessa década que Brasília foi construída e se transformou em um ícone do processo de urbanização por que passou o país. Somente na década de 1970 o país viveria outro período de intensiva urbanização.

O segundo movimento a que me referi – a passagem de uma cultura oral para uma cultura letrada – é paralelo ao processo de urbanização, que implicou, no Distrito Federal, a criação de um sistema escolar amplo, público e privado, e a implantação de outras instituições promotoras do letramento. Quanto ao terceiro movimento – do regional para o suprarregional – ele é consequência do próprio processo de convivência de brasileiros de todas as regiões, pois, como está bem consolidado na literatura sociolinguística, o contato favorece os amálgamas a expensas das distinções.

Brasília segue um curso de desenvolvimento distinto de outras jovens capitais no Brasil, como Belo Horizonte e Goiânia, que são bem representativas da fala e da cultura dos respectivos estados. Em Brasília não assistimos à perpetuação da cultura circundante, muito embora os estados que a rodeiam funcionem como polos de emigração para a capital.

Brasília é hoje uma região metropolitana com a população de 9.680.621 distribuída em área de 1.760.734 km² onde se encontram 298 municípios. Sua participação no PIB nacional é de 6,91%. Esses números do IBGE a colocam entre as três maiores regiões metropolitanas no país, atrás somente de São Paulo e do Rio de Janeiro. De fato a região de influência da capital federal vai muito além das 29 regiões administrativas do DF e das 22 cidades do Entorno, segundo o estudo intitulado, “**Regiões de influência das cidades**” divulgado pelo IBGE em 2008 e publicado no **Correio Braziliense** em 19 de outubro de 2008. Para estabelecer as regiões de influência no país, o IBGE levou em conta três fatores: a subordinação das cidades à cidade polo, o impacto empresarial e econômico e a oferta de produtos e serviços. Das 12 grandes redes de influência definidas pelo instituto, Brasília é a que possui o mais alto PIB *per capita*, R\$ 25,3 mil.

A transformação de Brasília em uma grande região metropolitana é notável considerando-se que a cidade ainda não completou meio século de existência. Mas com esse crescimento vieram também as mazelas que afligem as grandes cidades brasileiras, agravadas, no caso de Brasília, pelo histórico problema brasileiro da má distribuição de renda, que se reproduziu em Brasília, muito embora, segundo o Plano Diretor de Lúcio Costa, toda a comunidade devesse conviver no mesmo espaço, sem a formação de guetos. A utopia socialista de sua concepção já foi rompida no próprio período da construção, quando foi necessário prover acampamentos para abrigar os operários, reservando-se o chamado Plano Piloto para moradia dos funcionários públicos. Os acampamentos, de provisórios passaram a assentamentos permanentes e precariamente urbanizados e muitos outros foram surgindo no decorrer dessas cinco décadas, acompanhando a pressão migratória.

De acordo com o Índice de Gini, coeficiente utilizado pelo Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-*Habitat*) para mensurar as diferenças entre ricos e pobres, entre sete grandes cidades brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte,

Fortaleza, Curitiba, Brasília e Goiânia, nessa última se constatou a maior concentração de renda, no que foi seguida de perto por Brasília.

Este volume está organizado em três seções que correspondem, grosso modo, aos três movimentos mencionados. A primeira parte – Estudos de dialetologia urbana sobre características da fala do Distrito Federal – reúne pesquisas referentes à difusão dialetal, mais propriamente à passagem do regional para o suprarregional.

O capítulo I tem a feição de um relatório sobre os resultados obtidos nas diversas pesquisas sobre difusão e focalização dialetais, com ênfase na de Elizabeth Hanna (1986), cujo trabalho, desenvolvido para sua dissertação de mestrado, foi o primeiro a deitar luzes sobre um processo incipiente de focalização dialetal no DF.

No Capítulo II, Djalma Cavalcante Melo descreve um estudo sistemático de atitudes linguísticas, de 1988, no qual a fala de Brasília foi muito bem avaliada, relativamente às falas de outras regiões.

No Capítulo III, Cíntia da Costa Corrêa escreve a pesquisa que fez com jovens residentes em Brasília e em Ceilândia, em 1998, e levanta uma nova hipótese sobre a co-ocorrência de processos distintos na deriva do emergente falar local: a neutralização de peculiaridades dialetais típicas, em alguns subgrupos sociais, convivendo com a sua preservação em outros.

Ana Maria de Moraes Sarmiento Vellasco, co-organizadora desta antologia, também se apoiou na sua dissertação de mestrado, de 2000, sobre provérbios e expressões populares, para discutir características no léxico dos jovens brasilienses, no Capítulo IV.

A seção se conclui com o Capítulo V de Nívea Naves Garcia Lucca, que descreve um trabalho de 2005 desenvolvido de acordo com o paradigma da sociolinguística variacionista, sobre a variação tu/você na fala brasiliense.

A segunda seção desta coletânea foi dedicada a estudos de etnografia sociolinguisticamente orientada, realizados na Região Centro-Oeste. Esses textos são um pano de fundo para que possamos entender melhor as características rurais e rurbanas da região onde o Distrito Federal foi plantado e o movimento do rural para o urbano presente em Brasília.

No Capítulo VI, Marcia Elizabeth Bortone e Aline do Nascimento Duarte descrevem uma comunidade de migrantes nordestinos radicada na cidade goiana de Catalão, que se caracteriza pela moderna produção agropecuária e pujante parque industrial. Observe-se que no processo de migração rural-urbano, com frequência, o migrante se instala primeiramente em cidades de porte médio, e depois continua a sua trajetória demandando os grandes centros.

No Capítulo VII, Rachel do Valle Dettoni examina vários estudos dialetológicos realizados nos estados de Goiás e Mato Grosso, particularmente na baixada cuiabana, e demonstra que as comunidades estudadas situam-se no polo rural de um contínuo rural-urbano (BORTONI-RICARDO, 2005).

Luciana M. Cunha Muniz produz, no Capítulo VIII, uma primorosa etnografia de uma comunidade rural goiana no município de Jaraguá, baseada em dados coletados de 1997 a 1999.

Considerando a vocação brasiliense para o letramento, que caracteriza o terceiro movimento que baliza os estudos que compõem este volume, dedicamos a terceira seção a investigações realizadas em comunidades de aprendizagem. Entendemos que essas comunidades são arenas privilegiadas dos fenômenos de difusão e focalização da língua portuguesa em Brasília. O contato sistemático com a modalidade escrita da língua tem influência bem reconhecida na literatura especializada sobre as mudanças linguísticas e o

próprio curso evolutivo das línguas. Procuramos contemplar todos os níveis de escolarização e comunidades representativas de variados estratos socioeconômicos no Distrito Federal.

O Capítulo IX, de Marcia Elizabeth Bortone, descreve pesquisa conduzida na década de 1980, em uma escola pública na cidade de Ceilândia. Sua análise privilegia a questão da insegurança linguística e da hipercorreção, o que caracteriza bem o grupo de estudantes em processo de transição de uma cultura predominantemente oral para uma cultura letrada.

Aroldo Leal de Andrade, no Capítulo X, examina o domínio que dois universitários, com graus diferentes de maturidade, demonstram no desempenho de práticas próprias do letramento acadêmico.

No Capítulo XI, Beatriz de Assis Oliveira, baseada em dados coletados em 2004, descreve uma comunidade de um núcleo rural no Distrito Federal e o processo de aquisição de recursos comunicativos por alunos na escola rural local.

Maria Lúcia Resende Silva, no Capítulo XII, também se voltou, em 2005, para uma comunidade urbana no Distrito Federal, examinando práticas de letramento em uma classe de aceleração da rede pública cujos estudantes são vítimas da desagregação familiar e da violência. Ela demonstra como os alunos com esse histórico de vida podem beneficiar-se de uma pedagogia culturalmente sensível, de bases sociolinguísticas.

No Capítulo XIII, Maria do Rosário do Nascimento Ribeiro Alves, valendo-se de seus dados de 2005, estuda a textualidade na produção escrita de alunos ingressantes no Ensino Médio, na cidade do Gama. O trabalho dá voz aos adolescentes, que se manifestam sobre os maus resultados dos estudantes brasileiros nos sistemas nacionais e internacionais de avaliação.

No último capítulo da seção e da coletânea, o Capítulo XIV, Vera Aparecida de Lucas Freitas, co-organizadora da antologia, se apoia em dados de 1996, coletados em uma escola cujo corpo discente, sociolinguisticamente heterogêneo, está construindo sua competência comunicativa ao longo de um contínuo de monitoração estilística.

Todos esses estudos ambientados em salas de aula fornecem subsídios para uma melhor compreensão da importância do fator intergeracional no processo de difusão dialetal e trazem pistas que poderão ser úteis a futuros pesquisadores que se debruçam sobre o fenômeno da incipiente focalização linguística na capital do Brasil.

Quando escolhemos o título da coletânea, alguns linguistas nos questionaram se o termo *candango* não seria pejorativo e, portanto, portador de uma avaliação negativa. Consultamos os colaboradores sobre essa interpretação e a maioria concordou conosco que a palavra *candango* é um índice identitário do Distrito Federal, por isso empregado na denominação de instituições e locais públicos em Brasília e nas demais cidades desta região metropolitana, que hoje já é a terceira mais populosa do Brasil. *Candango* está para os moradores da região, como *carioca* está para a cidade do Rio de Janeiro; *manezinho* para Florianópolis e *barriga-verde* para Santa Catarina, entre muitos outros gentílicos que o povo consagrou^{1,2}.

¹ Parte do trabalho de digitação foi feito por Tatiana de Oliveira e Thaís de Oliveira.

² Esta coletânea traz, no corpo dos capítulos, muitas informações de natureza sociodemográfica fornecidas pela CODEPLAN e outros órgãos de pesquisa socioeconômica.

SEÇÃO I

ESTUDOS DE DIALETOLOGIA URBANA SOBRE CARACTERÍSTICAS DA FALA DO DISTRITO FEDERAL

Capítulo I

Contato de dialetos no Distrito Federal, Brasil

Stella Maris Bortoni-Ricardo

Neste Capítulo, apresento o histórico da pesquisa sobre o falar no Distrito Federal (DF), discuto alguns dos resultados obtidos e apresento dados sociodemográficos sobre o DF.

A República Federativa do Brasil tem a cidade de Brasília como capital. Brasília foi fundada em 21 de abril de 1960 e é também a capital do Distrito Federal (DF), unidade da Federação, que hoje possui 2.443.547 (dois milhões, quatrocentos e quarenta e três mil, quinhentos e quarenta e sete) habitantes, de acordo com o IBGE/PNAD 2008. Desses, 16% vivem na Região Administrativa I (Brasília) e nas Regiões Administrativas XVI e XVIII (Lago Sul e Norte, respectivamente), que circundam o Plano Piloto, e o restante nas outras cidades do DF, como demonstrado na Tabela 1e nos Gráficos 1 e 2.

Tabela 1 - Número de habitantes por Região Administrativa do DF

Região Administrativa		Área (km ²)	População (2000)	Dens. Demogr. (hab/km ²)
RA-I	Brasília	473	198.422	419,4
RA-II	Gama	276	130.580	472,9
RA-III	Taguatinga	121	243.575	2.007,2
RA-IV	Brazlândia	474	52.698	111,2
RA-V	Sobradinho	569	128.789	226,2
RA-VI	Planaltina	1.537	147.114	95,7
RA-VII	Paranoá	852	54.902	64,4
RA-VIII	Núcleo Bandeirante	82	36.472	442,5
RA-IX	Ceilândia	232	344.039	1.482,9
RA-X	Guará	46	115.385	2.524,8
RA-XI	Cruzeiro	9	63.883	7.098,1
RA-XII	Samambaia	106	164.319	1.550,2
RA-XIII	Santa Maria	211	98.679	467,1
RA-XIV	São Sebastião	383	64.322	167,9
RA-XV	Recanto das Emas	101	93.287	919,3
RA-XVI	Lago Sul	190	28.137	147,9
RA-XVII	Riacho Fundo	55	41.404	759,3
RA-XVIII	Lago Norte	54	29.505	541,5
RA-XIX	Candangolândia	7	15.634	2.351,0
T O T A L		5.783	2.051.146	354,7

Fonte: CODEPLAN - IBGE - IDHAB/DF

Nota: 10 novas Regiões Administrativas foram criadas em 2003 - 2005, após o Censo 2000.

Ainda não há informação mais atualizada.

Gráfico 1

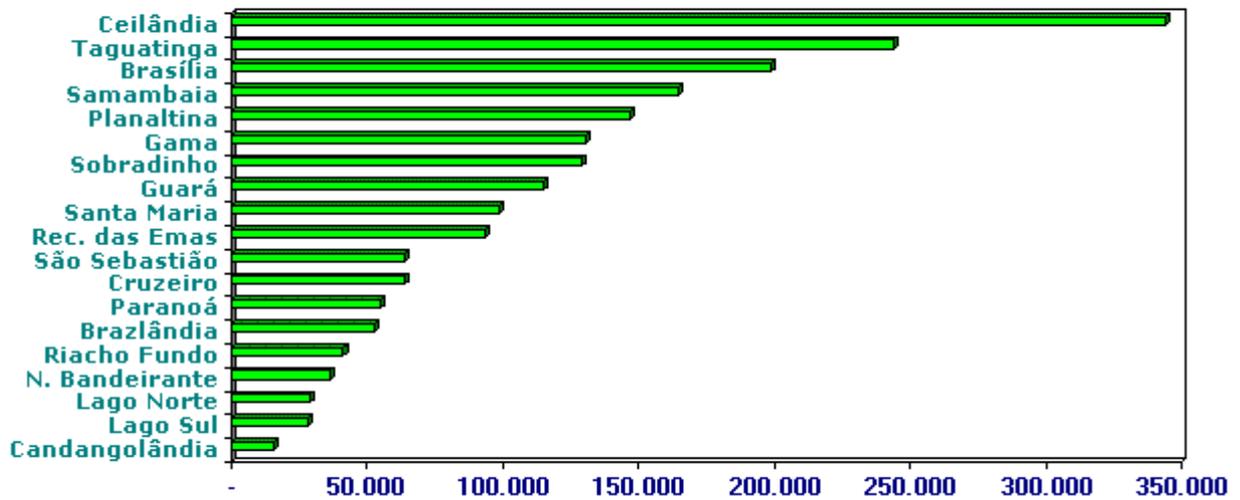
População de Brasília em 2000



Elaboração:www.infobrasilia.com.br

Gráfico 2

População do Distrito Federal em 2000



Elaboração:www.infobrasilia.com.br

Tabela 2 - Origem da População residente no DF (por grupo de 1000 pessoas)

	População total			População urbana		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Total	2 444	1 163	1 280	2 303	1 094	1 208
Rondônia	3	2	1	2	1	1
Acre	2	0	2	2	0	2
Amazonas	4	2	3	4	2	2
Roraima	1	0	0	1	0	0
Pará	18	9	10	18	9	9
Amapá	1	1	0	1	1	0
Tocantins	19	8	11	18	7	10
Maranhão	118	51	67	111	47	64
Piauí	127	50	77	122	48	74
Ceará	96	44	52	89	42	48
Rio Grande do Norte	22	11	12	20	9	10
Paraíba	61	29	32	56	26	30
Pernambuco	42	19	23	40	18	21
Alagoas	8	4	4	6	3	3
Sergipe	5	2	3	4	2	2
Bahia	143	66	77	136	62	74
Minas Gerais	222	104	118	207	97	111
Espírito Santo	10	5	5	9	5	5
Rio de Janeiro	67	35	32	66	34	32
São Paulo	48	23	25	45	22	23
Paraná	13	6	7	12	6	6
Santa Catarina	4	1	3	3	1	2
Rio Grande do Sul	23	13	9	22	12	9
Mato Grosso do Sul	5	2	3	5	2	3
Mato Grosso	6	3	3	6	3	3
Goiás	181	81	101	164	73	91
Distrito Federal	1 187	589	598	1 126	558	568
País estrangeiro	8	5	3	8	4	3

Fonte: PNAD 2008

Uma grande parte da população do DF, cerca de 48,6% (1.186.758 habitantes), já nasceu no Distrito Federal, principalmente nas cidades de menor renda *per capita*, onde a população jovem é maioria. Conforme nos revelam as Tabelas 2, 3 e 4, no Plano Piloto (Brasília, Lago Sul e Lago Norte) a maior parte da população é oriunda da região Sudeste, principalmente do estado de Minas Gerais. Nas demais cidades a maior concentração é de residentes que vieram da região Nordeste e da região Centro-Oeste, majoritariamente do estado de Goiás. Esses dados demográficos são muito importantes para que se possa ter uma visão mais clara das influências

multiculturais nas comunidades do Distrito Federal, incluindo-se aí os substratos dialetais regionais presentes nessas comunidades.

Tabela 3 - Distribuição dos chefes de domicílios, por naturalidade em relação às grandes regiões, Distrito Federal, Região Administrativa, Entorno e Exterior, segundo as Regiões Administrativas - Distrito Federal 2004 (valores absolutos)

Distrito Federal e Regiões Administrativas	Total	Região Norte	Região Nordeste	Região Sudeste	Região Sul	Região Centro Oeste ³	Distrito Federal ⁴	Entorno	Exterior
Distrito Federal	5.663.195	16.377	236.326	130.333	13.801	56.259	65.913	9.000	2.914
Brasília	70.943	3.555	16.119	22.118	4.643	6.886	704	469	600
Gama	29.010	749	12.980	5.796	499	2.413	2.579	582	28
Taguatinga	59.271	1.770	21.120	16.569	1.145	7.848	5.777	790	491
Brazlândia	12.129	273	5.096	2.174	34	1.563	1.359	781	-
Sobradinho	15.908	630	5.643	4.082	510	1.771	1.831	120	90
Planaltina	34.496	499	14.288	6.236	500	4.342	4.631	1.658	79
Paranoá	9.195	131	4.676	2.023	158	920	1.156	79	26
Núcleo Bandeirante	6.612	260	3.047	1.707	43	691	648	86	65
Ceilândia	88.735	1.922	46.674	13.839	609	7.720	13.134	1.217	160
Guará	30.211	1.074	11.071	9.694	964	2.974	4.048	165	138
Cruzeiro	10.478	587	4.079	2.738	447	1.090	1.229	112	112
Samambaia	36.134	1.033	18.788	7.205	136	3.535	4.948	489	-
Santa Maria	22.720	578	12.867	3.333	203	1.768	3.420	522	29
São Sebastião	18.377	500	8.795	4.970	286	1.323	1.645	822	36
Recanto das Emas	24.145	963	13.789	2.980	151	2.408	3.583	271	-
Lago Sul	6.057	72	1.621	2.672	410	534	338	18	392
Riacho Fundo	6.560	231	3.028	1.241	42	652	1.135	105	126
Lago Norte	5.218	209	1.152	2.461	471	489	314	-	122
Candangolândia	3.664	131	1.707	676	47	344	640	47	36
Águas Claras	11.707	391	4.125	3.122	334	1.394	2.230	111	-
Riacho Fundo II	4.871	209	2.518	600	15	420	1.064	45	-
Sudoeste/Octogonal	16.593	738	3.546	6.155	1.475	1.503	2.751	85	340
Varjão	1.744	52	997	301	29	93	191	75	-
Park Way	4.813	79	1.382	1.858	286	588	556	48	16
Estrutural	3.347	171	2.057	384	32	309	330	64	-
Sobradinho II	18.518	334	7.469	3.553	308	2.042	4.560	224	28
Itapoã	11.739	236	7.692	1.846	24	369	1.112	95	95

Fonte: SEPLAN/CODEPLAN- Pesquisa Distrital por Amostras de Domicílios- PDAD - 2004

³ Exceto Distrito Federal.

⁴ Exceto Região Administrativa.

Tabela 4 – Distribuição dos chefes de domicílios, por naturalidade em relação às grandes regiões, Distrito Federal, Região Administrativa, Entorno e Exterior, segundo as Regiões Administrativas – Distrito Federal 2004 (percentuais)

Distrito Federal e Regiões Administrativas	Total	Região Norte	Região Nordeste	Região Sudeste	Região Sul	Região Centro Oeste ⁵	Distrito Federal ⁶	Entorno	Exterior
Distrito Federal	100.0	2.9	42.0	23.1	2.5	10.0	11.7	1.6	0.5
Brasília	100.0	3.6	22.7	31.2	6.5	9.7	1.0	0.7	0.8
Gama	100.0	2.6	44.7	20.0	1.7	8.3	8.9	2.0	0.1
Taguatinga	100.0	3.0	35.6	28.0	1.9	13.2	9.7	1.3	0.8
Brazlândia	100.0	2.3	42.0	17.9	0.3	12.9	11.2	6.4	-
Sobradinho	100.0	4.0	35.5	25.7	3.2	11.1	11.5	0.8	0.6
Planaltina	100.0	1.4	41.4	18.1	1.4	12.6	13.4	4.8	0.2
Paranoá	100.0	1.4	50.9	22.0	1.7	10.0	12.6	0.9	0.3
Núcleo Bandeirante	100.0	3.9	46.1	25.8	0.7	10.5	9.8	1.3	1.0
Ceilândia	100.0	3.2	52.6	15.6	0.7	8.7	14.8	1.4	0.2
Guará	100.0	3.6	36.6	32.1	3.2	9.8	13.4	0.5	0.5
Cruzeiro	100.0	5.6	38.9	26.1	4.3	10.4	11.7	1.1	1.1
Samambaia	100.0	2.9	52.0	19.9	0.4	9.8	13.7	1.4	-
Santa Maria	100.0	2.5	56.6	14.7	0.9	7.8	15.1	2.3	0.1
São Sebastião	100.0	2.7	47.9	27.0	1.6	7.2	9.0	4.5	0.2
Recanto das Emas	100.0	4.0	57.1	12.3	0.6	10.0	14.8	1.1	-
Lago Sul	100.0	1.2	26.8	44.1	6.8	8.8	5.6	0.3	6.5
Riacho Fundo	100.0	3.5	46.2	18.9	0.6	9.9	17.3	1.6	1.9
Lago Norte	100.0	4.0	22.1	47.2	9.0	9.4	6.0	-	2.3
Candangolândia	100.0	3.6	46.6	18.4	1.3	9.4	17.5	1.3	1.0
Águas Claras	100.0	3.3	35.2	26.7	2.9	11.9	19.0	0.9	-
Riacho Fundo II	100.0	4.3	51.7	12.3	0.3	8.6	21.8	0.9	-
Sudoeste/Octogonal	100.0	4.4	21.4	37.1	8.9	9.1	16.6	0.5	2.0
Varjão	100.0	3.0	57.2	17.3	1.7	5.3	11.0	4.3	-
Park Way	100.0	1.6	28.7	38.6	5.9	12.2	11.6	1.0	0.3
Estrutural	100.0	5.1	61.5	11.5	1.0	9.2	9.9	1.9	-
Sobradinho II	100.0	1.8	40.3	19.2	1.7	11.0	26.6	1.2	0.2
Itapoã	100.0	2.0	65.5	15.7	0.2	5.4	9.5	0.8	-

Fonte: SEPLAN/CODEPLAN- Pesquisa Distrital por Amostras de Domicílios- PDAD - 2004

Por ter-se constituído um importante polo receptor de migração no Brasil nas últimas décadas, o DF tornou-se também um laboratório muito especial para o estudo de variedades regionais e socioletais em contato. O dialetólogo baiano Nelson Rossi, quando ainda era professor da Universidade de Brasília, na década de 1960, foi o primeiro a alertar para a importância desse fenômeno sociolinguístico. A pesquisa sistemática somente teve início, porém, em 1980, com o estudo de Bortoni-Ricardo sobre o processo de urbanização dos falantes de dialetos rurais radicados na Região Administrativa de Brazlândia, conforme apresentado na Introdução deste volume.

Essa pesquisa pioneira baseou-se nos conceitos de focalização e difusão dialetais avançados de Robert Le Page (1985; Cf. MILROY 1980; VILLENA PONSODA, 2005). Um dialeto focalizado é percebido como uma entidade distinta. A difusão dialetal, por outro lado, é o resultado do contato entre variedades, fenômeno associado com a mobilidade demográfica, de natureza regional ou socioeconômica (BORTONI-RICARDO, 1985; NARO E SCHERRE, 1993)

⁵ Exceto Distrito Federal.

⁶ Exceto Região Administrativa.

O estudo do contato de dialetos regionais tem uma longa tradição. A atenção ao fenômeno de contato entre variedades socioletais surgiu com a dialetologia urbana de William Labov e associados, a partir dos anos de 1960 (LABOV, 2008).

As situações de contato, como observou Herzog (1965, citado em Labov, 2008), favorece os amálgamas às expensas das distinções. Leopold (1972) observa que, após a Segunda Guerra Mundial, as populações alemãs oriundas do Leste, que imigraram para o Oeste, aos poucos foram abandonando seus dialetos regionais. As populações autóctones do Oeste, por sua vez, também adotaram uma norma coloquial mais neutra, mais acessível aos recém-chegados. Saiu então fortalecida uma variedade padronizada, em que as tendências regionais se nivelaram e que é, todavia, distinta da variedade padrão culta suprarregional.

Um nivelamento semelhante ocorreu no Sul de Portugal, nas províncias Alentejo e Algarve, para onde confluíram portugueses de todas as províncias do Norte e do Centro, durante o período da reconquista do território aos mouros (Cf. NARO e SCHERRE, 1993; LUCCHESI, 1998; SILVA, 2008, 2004; ILARI e BASSO, 2006; NOLL, 2004).

Referindo-se a esse movimento migratório, Serafim da Silva Neto (1976, p. 108) diz:

Quando entram em convivência dois indivíduos que, embora do mesmo domínio linguístico pertencem a regiões diferentes, dá-se como que um acordo tácito que elimina as características mais salientes da pronúncia de um e de outro. Assim se reduzem as asperezas e se obtém um instrumento dúctil e maleável, harmonioso, capaz de servir plenamente aos interesses da intercomunicação. Assim, eliminam-se os localismos em favor do geral. As particularidades mais típicas, sentidas como rusticismos, são limadas e reduzidas. Só se generaliza o não-específico.

As pesquisas sobre o contato dialetal no DF na década de 1980 voltavam-se, principalmente, para a descrição desse processo de generalização, i. e., da difusão dialetal. Na medida em que os estudos progrediam, começou-se a vislumbrar, porém, algum sinal de uma focalização emergente, tema de que se ocupou Cíntia Corrêa (1998) na pesquisa mais recente da série, descrita no capítulo III desta coletânea.

A amostra principal do estudo do processo de urbanização dos falantes de antecedentes rurais (BORTONI-RICARDO, 1985) era constituída de famílias que haviam deixado a zona rural em Minas Gerais e se radicado no Distrito Federal, permanecendo à margem do sistema de produção. O fato sociolinguístico mais notável nesse estudo foram as diferenças observadas, no seio de cada família, entre o repertório da geração mais velha, que já migrou para o DF na idade adulta, e a geração dos seus filhos, netos ou sobrinhos, que ali chegaram ainda como crianças. Enquanto os primeiros mantinham as regras morfossintáticas básicas do seu repertório, os últimos demonstravam estar passando por um rápido processo de reestruturação fonológica em sua linguagem. A Tabela 5 mostra a frequência e o desvio ajustado para os dois grupos, de quatro regras variáveis que foram consideradas bons indicadores do processo de **urbanização** dos falantes de variedades rurais no Brasil. Duas dessas regras eram fonológicas: vocalização da lateral palatal /lh/, como em 'palha' > 'paia'; 'filho' > 'fio' e a monotongação do ditongo crescente átono final, como em 'pulícia' > 'puliça'; 'gêmeo' > 'gemu'. São regras descontínuas, próprias dos falares que se encontram no polo rural ou «rurbano» do *continuum* de urbanização da sociedade brasileira (BORTONI-RICARDO, 2005). As duas outras regras, de concordância verbo-nominal nas primeira e terceira pessoas do plural, são regras graduais nesse continuum, embora a ausência de concordância de primeira pessoal plural ['nós fomos' ~

nós foi'] determine uma estratificação mais descontínua que a de terceira pessoa ['eles foru'~'foram'~foi.]⁷ (BORTONI-RICARDO, 2008)

Os resultados dessa primeira pesquisa mostraram que a análise da questão da difusão dialetal no DF implicava conhecer melhor o efeito da variável «idade do falante no momento da migração» e os padrões de reestruturação fonológica no repertório de jovens e adultos provenientes de outras localidades.

A idade no momento da migração é uma variável crucial em virtude da influência que a idade cronológica tem na aquisição da linguagem em geral. Na literatura sobre essa questão, os pesquisadores apontam a puberdade como a fase da vida em que a aquisição de uma segunda língua ou dialeto torna-se mais difícil. Labov (2008) argumenta que, para adquirir os padrões de um segundo dialeto, uma pessoa tem de passar ao menos a metade da primeira década de vida naquela área dialetal. Os resultados da pesquisa de Arvilla Payne (1967), que examina a aquisição de padrões dialetais em um bairro de Filadélfia, corroboram a afirmação de Labov.

Tabela 5 - Difusão dialetal: efeito da idade do grupo 8

	FREQUÊNCIA	%	DESVIO AJUSTADO (%)
Regra de vocalização			
adultos	1448/2963	49	- 5
jovens	491/600	81	+ 23
Regra de redução de ditongo			
adultos	1084/2041	53	- 11
jovens	707/802	88	+ 28
Concordância verbal 3a pessoa			
adultos	487/1799	27	- 7
jovens	319/496	64	+ 27
Concordância verbal 1a pessoa			
adultos	441/926	48	- 6
jovens	244/296	82	+ 18

Fonte: Bortoni-Ricardo (1985)

Elizabeth Hanna (1986) comparou a fala de oito jovens, quatro provenientes do Rio de Janeiro e quatro provenientes da Paraíba, que se haviam mudado para o Distrito Federal até os seis anos de idade, com a fala de seus pais. Escolheu como indicadores, no caso dos cariocas, a palatalização das fricativas implosivas /s/ e /z/, e, para os paraibanos, a realização não-africada do /t/ e /d/ diante da vogal /i/. As duas variáveis são, respectivamente, indicadores dos dialetos focalizados das duas regiões em questão.

A Tabela 6 mostra que, nas famílias cariocas da amostra, dois jovens já haviam substituído a realização chiante do /S/ implosivo pela realização sibilante, enquanto os pais preservavam a variante regional em diversos graus. Nas famílias paraibanas (Tabela 7), o efeito da difusão é mais notável, talvez porque a variável aferida é estigmatizada no Centro-Sul do país (ARAGÃO, 1984; HORA, 2004; SILVA e SCHERRE, 1996). Baseada nesses resultados, Hanna ampliou a sua amostra e gravou em entrevistas telefônicas 30 jovens nascidos no DF, sem preocupar-se em controlar a origem dos pais. Esses dados levaram-na a propor, como uma hipótese ainda preliminar, que estava ocorrendo na cidade, pelo menos na classe média, a focalização de um falar marcado pela ausência de traços regionais típicos. Segundo essa pesquisadora, o falar emergente de Brasília assemelhava-se ao português usado nos noticiários das redes nacionais de televisão, em que se evitam pronúncias localistas.

⁷ Para uma descrição do continuum de urbanização e da distinção entre traços graduais e descontínuos, vejam-se Bortoni-Ricardo 1985 e 1998.

⁸ As frequências referem-se à variante padrão de cada regra estudada.

Tabela 6 - Frequência de palatalização do /s/ e do /z/

INFORMANTE JOVEM	IDADE (IDADE EM QUE SE MUDOU)	FREQUÊNCIA	%	INFORMANTE ADULTO	IDADE (IDADE EM QUE SE MUDOU)	FREQUÊNCIA	%
Malu C	18(6)	321/326	98.4	Ivanise C	43(31)	599/600	99.8
Vinicius F	18(1)	144/236	61.0	Orlando F	47(30)	491/600	81.8
Cesar E	18(1)	0/500	0	Celio E	54(29)	313/395	79.2
Katia D	18(5)	0/500	0	Ivone D	44(31)	269/848	31.7
TOTAL		465/1562	29.7			1672/2443	68.4

Fonte: Hanna (1986)

Tabela 7 - Frequência da não-africação do /t/ e do /d/

INFORMANTE JOVEM	IDADE (IDADE EM QUE SE MUDOU)	FREQUÊNCIA	%	INFORMANTE ADULTO	IDADE (IDADE EM QUE SE MUDOU)	FREQUÊNCIA	%
Beto O	19(6)	19/334	5.6	Avany M	40(24)	391/431	90.7
Ana Clara M	18(2)	0/546	0	Liliane N	40(22)	139/213	65.2
Celsinho P	17(5)	0/169	0	Humberto O	50(37)	449/778	57.7
Lorena N	18(<1)	0/546	0	Celso P	46(34)	104/379	27.4
TOTAL		19/1595	1.1			1083/1801	60.1

Fonte: Hanna (1986)

Paralelamente a esses achados, Josepha Adant (1988) mostrava que a reestruturação fonológica no repertório de migrantes adultos é bastante lenta. Ela examinou a realização dos /t/ e /d/ não-africados diante do /i/ na fala de 20 adultos alagoanos residentes em Brasília e de 20 alagoanos que se mantiveram em seu Estado de origem, controlando ainda os antecedentes (rurais ou urbanos). Os resultados obtidos aferidos em frequências e desvios ajustados parecem indicar um processo de difusão dialetal na fala dos alagoanos residentes em Brasília. Submetidos os mesmos dados, porém, a um tratamento estatístico mais rigoroso (pacote VARBRUL), constatou-se que as diferenças entre os dois grupos não eram estatisticamente relevantes, o que demonstrou que as alterações fonológicas no repertório de migrantes adultos são de pequena monta.

Esse conjunto de estudos foi complementado por uma pesquisa de atitudes, que usou a metodologia do *matched guise*, por meio da qual se podem constatar as atitudes favoráveis ou desfavoráveis em relação a dois ou mais códigos (línguas ou dialetos). No experimento conduzido por Djalma Cavalcante (1988), descrito no **capítulo II**, 120 ouvintes-juízes de ambos os sexos e de classe média e baixa, residentes no DF, avaliaram, em uma escala de 5 pontos, exemplares de um mesmo texto lidos por seis homens, profissionais liberais, nascidos e criados, respectivamente, em Pernambuco, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Distrito Federal. Também associaram cada leitor a uma profissão de muito ou de pouco prestígio social.

Tabela 8 - Comparação dos valores médios do dialeto de prestígio, na escala semântica diferencial para os seis sotaques regionais

DIALETOS	HOMENS (60)	MULHERES (60)	CLASSE MÉDIA (60)	CLASSE BAIXA (60)	TOTAL	%
Sul (Rio Grande do Sul)	3,47	3,55	3,35	3,65	3,50	9,40*
Este (Rio de Janeiro)	3,33	3,55	3,36	3,52	3,44	8,80*
Sudeste (São Paulo)	3,74	3,95	3,90	3,80	3,85	8,22*

Centro-Oeste (Goiás)	3,18	3,24	2,94	3,47	3,21	3,50
Nordeste (Pernambuco)	2,99	2,95	2,93	3,01	2,97	0,60
Brasília (Distrito Federal)	4,11	4,23	4,31	4,03	4,17	23,40*

* p < 0.01.

Fonte: Cavalcanti (1988)

Os resultados, apresentados nas Tabelas 8 e 9, mostram que os sotaques foram avaliados positivamente na seguinte ordem decrescente: Distrito Federal, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Goiás e Pernambuco. Os avaliadores não associaram o sotaque do DF a qualquer cidade e a ele atribuíram o maior grau de prestígio. Os sotaques de Goiás, estado vizinho de forte tradição rural; de Pernambuco, estado do Nordeste, que é uma região de renda *per capita* baixa, e, surpreendentemente, o do Rio de Janeiro receberam avaliações mais baixas. Os sotaques mais prestigiados foram justamente os da Região Sul, que é a região mais desenvolvida do Brasil.

Tabela 9 - Índices para altas (A) e baixas (B) ocupações de prestígio

DIALETOS	ALTAS NÚMERO TOTAL	%	BAIXAS NÚMERO TOTAL	%
Sul (Rio Grande do Sul)	61	50,8	59	49,2
Este (Rio de Janeiro)	60	50	60	50
Sudeste (São Paulo)	105	87,5	15	12,5
Centro-Oeste (Goiás)	44	37,7	76	63,3
Nordeste (Pernambuco)	40	33,3	80	66,7
Brasília (Distrito Federal)	113	94,2	07	5,8

Fonte: Cavalcante (1988)

Esses resultados foram interpretados como uma primeira evidência de que o Distrito Federal procura a sua identidade, dissociando-se de regiões mais subdesenvolvidas. Outros indicadores de natureza sociológica, como os produtos culturais do DF, principalmente a música, apontam também para a busca de uma identidade mais cosmopolita, sem grandes influências regionais.

A pesquisa de Hanna (1986), conforme vimos, apontou para a possibilidade de estar ocorrendo no Distrito Federal a focalização de um falar que seria uma espécie de denominador comum dos falares brasileiros, sem marcas regionais salientes. Essa hipótese foi respaldada pela pesquisa de atitudes que acabamos de sumariar, uma vez que o falar mais apreciado foi justamente o exemplar em que não se percebiam regras regionais. Nos anos que se seguiram a essa etapa da pesquisa, no final da década de 1980, essa hipótese foi-se fortalecendo. Em 1992, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Cristina Gomes e Elizabeth Malvar (BORTONI-RICARDO, GOMES e MALVAR, 2003) ao coletarem dados para uma pesquisa sobre a realização das vogais médias pré-tônicas no falar de Brasília encontraram alguns dados surpreendentes. Nas gravações com uma família de classe trabalhadora, residente em uma cidade satélite e proveniente do Rio de Janeiro, várias palavras foram pronunciadas com as vogais pré-tônicas /e/ e /o/ abaixadas. Os dados não eram suficientes para chegar-se a conclusões mais definitivas mas o grupo de trabalho foi alertado para a possibilidade de estar ocorrendo no DF o fenômeno de transformação de dialeto regional em dialeto socioletal, descrito por Fishman (1972). Segundo esse autor, isso acontece quando um contingente populacional de uma região migra para outra, mais desenvolvida, e ali permanece em redes fechadas, propícias ao desenvolvimento de variedades socioletais.

A análise de vogais pré-tônicas foi retomada por Corrêa, no período de 1996-98. (Capítulo III desta coletânea). Essa pesquisa, ao contrário das anteriores, que eram voltadas

para a descrição do fenômeno de difusão dialetal, propôs-se a verificar se, de fato, havia um processo de focalização dialetal em curso no DF e se esse processo estaria associado ao status socioeconômico e ao grau de escolaridade. A amostra foi constituída de 24 jovens nascidos e criados no Distrito Federal e estratificada em função da zona de residência (de classe média, Plano Piloto de Brasília — Asa Sul e Asa Norte —, e de classe média baixa, a cidade de Ceilândia) e do grau de escolarização (médio e superior), como exposto na Tabela 10.

Tabela 10 - Dados estatísticos segundo a renda bruta mensal dos domicílios

REGIÕES ADMINISTRATIVAS	DOMICÍLIOS POR CLASSE DE RENDA EM SALÁRIOS MÍNIMOS MENSAIS						TOTAL
	R <= 1	1 < R <= 3	3 < R <= 5	5 < R <+ 10	10 < R <= 20	R <= 20	
	%	%	%	%	%	%	
Brasília	3,1	1,2	3,4	10,3	23	59	75.901
Cruzeiro	0	1,95	7,92	25,5	31,4	33	13.584
Guará	1,58	5,32	10,36	25,47	29,83	27,44	25.185
Núcleo Bandeirante	5,08	21,73	15,06	17,65	18,54	21,94	11.636
Taguatinga	3,09	14,08	19,1	27,52	22,68	13,53	55.894
Ceilândia	5,2	23	34	25	11	1,8	73.005
Samambaia	11,11	38	30,36	16,06	3,96	0,42	28.580
Gama	5,87	19,97	27,72	25,01	15,4	6,03	28.723
Paranoá	9,1	51,04	31,58	7,01	1,27	0	8.077
Sobradinho	4,9	14,19	16,31	30,47	19,52	14,61	17.187
Planaltina	18,93	22,33	24,08	23,11	10,28	1,27	16.082
Brazlândia	1,6	19,45	39,65	31,58	6,64	1,08	8.780
TOTAL	4,57	16,38	20,72	21,75	17,53	19,05	362.634

Fonte: CODEPLAN - Pesquisa Domiciliar: Transporte - 1990, com adequações de Corrêa (1998).

Os resultados, dispostos nas tabelas 11 e 12 evidenciam que os habitantes do Plano Piloto de Brasília tendem a favorecer o uso das vogais pré-tônicas como médias ou altas, enquanto os residentes na cidade de Ceilândia, especialmente os de escolaridade de nível médio, demonstram tendência a usar as formas abaixadas.

Tabela 11 - Efeitos dos fatores sociais na variação das médias pré-tônicas /e/

FATORES SOCIAIS	MÉDIA /E/	MÉDIA ALCEADA /I/	MÉDIA ABAIXADA /E/
1. Residência			
Plano Piloto de Brasília	.452 (453/687)	.387 (229/687)	.160 (5/687)
Ceilândia	.200 (483/717)	.234 (198/717)	.565 (36/717)
2. Escolaridade			
Ensino Superior	.451 (496/725)	.412 (224/725)	.137 (5/725)
Ensino Médio	.185 (440/679)	.203 (203/679)	.611 (36/679)

Fonte: Corrêa (1998)

Tabela 12 - Efeito dos fatores sociais na variação das médias pré-tônicas /o/

FATORES SOCIAIS	MÉDIA /O/	MÉDIA ALCEADA /U/	MÉDIA ABAIXADA /O/
1. Residência			
Plano Piloto de Brasília	.461 (409/500)	.442 (88/500)	.097 (3/500)
Ceilândia	.147 (374/490)	.154 (81/490)	.700 (35/490)
2. Escolaridade			
Ensino Superior	.505 (432/507)	.324 (62/507)	.171 (13/507)
Ensino Médio	.181 (351/483)	.282 (107/483)	.536 (25/483)

Fonte: Dados de Corrêa (1998)

Os resultados mostram, convincentemente, que o fenômeno de focalização dialetal diversificou-se no Distrito Federal. Nas áreas residenciais de classe média alta, o dialeto que se focaliza não apresenta traços regionais marcados. Nas áreas de classes média baixa e classe baixa, o dialeto que se encontra em processo de focalização está preservando marcas regionais, pelo menos a regra de abaixamento das vogais pré-tônicas, que é típica dos falares nordestinos no Brasil. Isso fica mais patente na fala de informantes que não chegaram a cursar universidade.

A preservação da identidade sociorregional, favorecida pela rede social densa, que permeia a vida dos informantes de status socioeconômico mais baixo, contribuiu para a manutenção de traços linguísticos regionais. Além de não serem alvo de discriminação pelos seus pares, esses traços reforçam laços de identidade e solidariedade dentro da rede (MILROY, 1980; BORTONI-RICARDO, 1985; VILLENA-PONSODA, 2005).

Do ponto de vista da formação dialetal, é bem provável que as ocorrências de abaixamento da vogal pré-tônica na fala de jovens candangos de Ceilândia estejam deixando de ser um traço regional e assumindo o valor sociossimbólico de indicador socioletal. Essa situação linguística foi discutida por Fishman (1972), quando observa que grupos migratórios mais pobres tinham suas características linguísticas associadas não mais ao lugar de origem, mas sim ao status social que adquiriam posteriormente à migração.

Sobre o mesmo assunto, Labov (2008) pondera que o surgimento de dialetos de baixo prestígio de classes trabalhadoras é um fenômeno que abarca duas tendências dos últimos séculos: o declínio de dialetos locais e o aumento da estratificação vertical na linguagem.

Os resultados de Corrêa (1998) são consentâneos com os achados anteriores sobre o falar de Brasília e muito esclarecedores, na medida em que nos permitem perceber que o fenômeno de dialetos em contato no Distrito Federal é mais complexo do que os dados que se foram acumulando nos permitiam supor. A deriva que se prenuncia parece não ser apenas resultado de uma «koineização» dos falares brasileiros, caracterizada pela neutralização das tipicidades, (Cf. HAUGEN, 2001) mas da formação de uma variedade que vai preservar algumas

marcas regionais e descartar outras, processo que tem que ser examinado à luz dos múltiplos fatores estruturais que já provaram ser relevantes na produtividade de regras variáveis no português do Brasil e explicado por meio de refinadas análises de natureza sociodemográfica e sociocultural.